

○ ontem, o hoje... ○ amanhã?

LOPES, Alberto; FARIA FILHO; Luciano Mendes de;
FERNANDES, Rogério (Org.). *Para a compreensão histórica da
infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 303 p.

Vanessa Ferraz Almeida Neves *

Acabo de assistir, mais uma vez, ao filme *Filhos da esperança* (Inglaterra, 2006, direção de Alfonso Cuarón). Em um futuro não muito distante (2027), a humanidade se vê infértil: o último bebê nasceu há 18 anos e acaba de ser assassinado. Acompanho a trajetória de personagens correndo em busca de uma última esperança... “*Com o som das crianças brincando desaparecendo, o desespero se instalou... É estranho o que acontece ao mundo sem as vozes das crianças.*”, diz a enfermeira Miriam. Os personagens conversam em uma escola que agora já não tem razão de ser: não há mais quem educar e de quem cuidar. O processo civilizatório alcançou seu fim. Signos da infância fazem-se presentes: pinturas desbotadas das crianças penduradas nas paredes, balanços enferrujados no parquinho, móveis escolares nas salas... O estranho e angustiante nessa cena é o silêncio: aqueles que aprenderiam a falar, ingressando em nossa cultura, foram literalmente silenciados. A presença da infância aqui se faz ainda mais forte pela sua ausência.

Em uma outra bela cena do filme, em que alguns personagens se despedem, ouvimos a maravilhosa canção “Ruby Tuesday”, de autoria de Mick Jagger e Keith Richards, que logo em seu começo diz: “Ela nunca dirá de onde veio, o ontem não interessa, pois já passou...” Bem, é exatamente o oposto que aprendemos com a leitura do livro *Para a compreensão histórica da infância*. Na verdade, o ontem não passou e, sem dúvida, ajuda-nos a compreender melhor o hoje, com suas diversas crianças e infâncias, mesmo que muitas vezes invisíveis ou silenciadas.

Para a compreensão histórica da infância dá continuidade a um outro livro: *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações* (Portugal e Brasil)

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
bvneves@terra.com.br

(2004), bem como vem integrar um conjunto maior de obras que se dedicam ao estudo histórico da infância. Temos, nesse conjunto, apenas para citar alguns exemplos, os livros organizados por Carlos Monarcha (2001), Mary Del Priore (1991 e 2002) e Marcos César Freitas (2003). Este livro acrescenta a essa produção a grande ênfase colocada no estudo das práticas e das representações acerca da infância, inovando tanto na construção das fontes de pesquisa quanto em sua análise.

O livro é organizado em três partes (A história da criança: que fontes?; História da infância e ciência da infância e História da infância e comparação), com o objetivo de dar visibilidade à produção conjunta de pesquisadores portugueses e brasileiros em torno da temática. As pesquisas reunidas evidenciam as diversas infâncias possíveis nos dois lados do Atlântico, colocando em primeiro plano o encontro das crianças:

com o patrimônio civilizacional ao alcance de sua pequena mão. [...] Sem a consideração das instâncias de formação do ser humano na sua concreticidade histórica não é possível entender os processos da sua educação e ainda menos cotejá-los na sua variedade, citá-los para que compareçam num plano de comparatividade selectiva [...] (Faria Filho e Fernandes, p. 8).

A história que é construída nos diversos artigos que compõem *Para a compreensão histórica da infância* atende aos propósitos anunciados por seus organizadores. Contrastes, de fato, propiciam um maior entendimento da temática da infância, levando-se em consideração o que nos diz Moisés Kuhlmann Júnior em “Infância e educação (1820-1950): comparação e classificação”, artigo que integra a terceira parte do livro que ora temos em mãos:

A idéia de uma história comparada parece supor que se ponham lado a lado diferentes países, para verificar como se desenvolve determinado fenômeno em cada um deles. Entretanto, ao procurar confluír pesquisas elaboradas em diferentes países, há que se tomar os cuidados necessários para não se tratar essas realidades distintas como se fossem situações idênticas. Mais que isso, é também preciso considerar que o processo histórico se constitui pelas interações entre essas realidades (p. 185).

Portanto, o desafio é o de entrelaçar diferentes tempos e espaços para uma melhor compreensão da infância. Meu objetivo com esta resenha é evidenciar uma leitura possível de alguns dos artigos que integram o livro. Os artigos escolhidos foram aqueles que questionam a condição da infância e das crianças, condição esta que não pode ser encerrada em si mesma e deve sempre ser pensada em relação à condição do adulto e à historicidade das nossas práticas

sociais. Primeiramente, comentam-se três artigos que exploram, de maneira inovadora, as fontes a serem utilizadas na pesquisa histórica da infância. Este é um diálogo essencial para nosso campo: Onde buscar a criança? Quais os vestígios deixados por ela nos diálogos que estabelece com a cultura? A seguir, mais três artigos cujas temáticas se relacionam com os artigos anteriores. Enfatizo, portanto, a construção metodológica das pesquisas.

Maria Cristina Gouvêa alerta-nos que “analisar a diversidade das experiências infantis indica a necessidade da ampliação das fontes, de maneira a conferir visibilidade à variedade de espaços sociais de inserção e conformação da experiência histórica de ser criança” (capítulo 2, p. 20). Nesse sentido, deparamo-nos com a importância de fontes pouco exploradas: a literatura infantil e adulta, os textos memorialísticos, os diários. Gouvêa traça um percurso bem fundamentado das relações entre história, infância e literatura, evidenciando a construção de um imaginário social acerca da infância via uma produção cultural, a literária, sendo necessário recuperar e garantir a historicidade na análise dessa produção.

Entramos, um pouco mais adiante no livro, em um internato, nas primeiras décadas do século XX, o Instituto do Professorado Primário Oficial Português, a partir dos olhares e das vozes de seus antigos alunos e alunas. A metodologia de pesquisa delinea-se a partir da história oral. Margarida Felgueiras recupera e provoca a memória de seus entrevistados, (re)construindo narrativas individuais e tecendo a história de um ator plural, em um tempo singular que mantém estreita relação com nosso tempo e com nossas instituições. A rotina do internato, com sua organização disciplinar, deixa brechas para táticas e estratégias dos internos. É interessante notar que essa “anti-disciplina”, nos termos de Michel de Certeau (1988), funda laços de pertencimento entre os internos, fazendo com que se tornem parte de um grupo.

A investigação conduzida por Margarida Felgueiras (capítulo 6, primeira parte do livro) revela orações que permeavam o cotidiano do internato: “*Nós Vos agradecemos, Senhor, o alimento que vamos tomar, que ele nos aproveite para melhor Vos servir e mais Vos amar*”. Oração também eram praticadas nas Casas de Asilo da Infância Desvalida, nas primeiras décadas do século XIX em Portugal, segundo nos mostra a investigação realizada por Rogério Fernandes (capítulo 9, segunda parte do livro).

Este é um dos traços de permanência que podemos localizar em nosso percurso histórico: a religiosidade, ou mesmo a doutrinação de famílias e crianças, muito presente em nossas instituições de Educação Infantil, principalmente aquelas destinadas às crianças provenientes das camadas populares de nossa sociedade (Rizzini, 2004). De fato, a Igreja Católica e as Comunidades Eclesiais de Base constituíram importantes atores sociais que participaram da constru-

ção de muitas de nossas creches comunitárias. Um aspecto que gostaria de salientar no discurso religioso é uma visão de uma criança idealizada, imaculada e, por que não dizer, assexuada, que precisaria ser conservada. Assim, voltando ao Instituto do Professorado, nos momentos de higiene das suas alunas, o recato era obrigatório. Mostravam-se apenas aquelas partes do corpo a serem limpas, de acordo com os preceitos dos médicos higienistas. O corpo era reduzido exclusivamente à sua dimensão biológica, sendo deixadas de lado outras dimensões, tais como a social, a cultural, a afetiva e a sexual.

O artigo de António Ferreira e José Gondra (capítulo 8, segunda parte do livro) ajuda-nos a compreender melhor a construção de representações acerca dos corpos dos indivíduos e o discurso higienista: a racionalidade médico-higiênica, as idades da vida e seu encontro com as diferentes realidades sociais, dentro e fora da escola, tanto em Portugal quanto no Brasil, construíram representações acerca da infância, dando visibilidade às crianças e, simultaneamente, desconsiderando as possibilidades do contexto sociocultural no qual essas mesmas crianças viviam.

Um contexto de trabalho infantil em Portugal do início dos anos 20 até os anos 40 do século passado é abordado no artigo de Luiz Vidigal. Esse autor elege como *corpus* para sua pesquisa aproximadamente cinquenta entrevistas do Arquivo Oral de Educação da Escola Superior de Educação de Santarém, dando relevo a uma exploração metodológica da memória oral, a partir de fontes “ainda encaradas como pouco fiáveis pela maior parte da acadêmica historiografia portuguesa” (capítulo 7, p.111). Os “bonitos” (brinquedos) transformam-se em “bonicos” (estrumes de animais) que as crianças do Vale do Tejo tinham a obrigação de recolher como fonte de renda para suas famílias. As infâncias aqui se concretizaram via o trabalho braçal, marca da condição do adulto que vieram a se tornar. Vidigal cria, assim, uma categoria-síntese – os “bonictos” – em referência tanto às camadas privilegiadas, com seus variados brinquedos, quanto às camadas dos estratos inferiores da população, com a presença do trabalho cotidiano desde a mais tenra idade.

Pergunto-me qual seria uma síntese possível para nossas crianças, ainda trabalhando nas mais diversas situações, urbanas e rurais. Seria a formação profissional apregoada por Firmino Costa, à frente da direção do Grupo Escolar de Lavras (1907-1925), em Minas Gerais? O trabalho como redenção e futuro promissor rumo ao progresso do país? Representações e práticas sociais articulam infância, família, trabalho, educação e marcam as possibilidades do sujeito criança. Faria Filho e Santos esclarecem:

Em nossos estudos temos visto que a afirmação da escola como agência de socialização/formação está diretamente relacionada à produção da noção moderna de infância e que o processo de

escolarização articula-se com transformações do conjunto dos tempos-espacos de “produção dos sujeitos”. Tais transformações, por sua vez, relacionam-se a mudanças nas representações e práticas relacionadas à família e ao trabalho enquanto espaços-tempos de ser e viver a infância (capítulo 10, p. 165).

Os escritos de Firmino Costa também são analisados por Tarcísio Vago no último artigo do livro. Com ele acompanhamos “uma verdadeira revolução de costumes” a acontecer após a reforma do ensino primário em Minas Gerais, a partir de 1906. Aqui nos deparamos, tal como nas práticas do Instituto do Professorado Primário Oficial Português, com uma organização minuciosa dos tempos e dos espaços escolares e, principalmente, com um controle dos corpos das crianças, agora transformadas em alunos. Somos igualmente colocados diante das transgressões dos sujeitos: faltas, fugas da escola e brincadeiras fora de hora e lugar.

Percebemos, ao finalizar a leitura do livro, a exploração de fontes diversas (literatura, legislação, entrevistas, imprensa), percorrendo um recorte temporal que vai do século XIX às primeiras décadas do século XX, tanto em Portugal quanto no Brasil (com exceção de um artigo que trata dos séculos XVII-XIX). Apreendemos a infância, ou melhor, as infâncias em permanente tensão com as instituições criadas para sua educação e civilização. Cada época acolhe de maneira diversa aqueles que nascem, a partir das possibilidades colocadas pela própria cultura, pelas teias de significado que são tecidas coletivamente, dialogando com as crianças e/ou silenciando suas vozes. O processo de escolarização da infância não é linear, sendo permeado por múltiplas representações e práticas sociais.

E assim termina uma viagem no tempo... Tempo que não passou e que continua em diálogo com nossas representações e práticas dirigidas à infância ainda hoje. Em *Filhos da esperança*, as personagens vão ao encontro de um barco chamado *Tomorrow*, esquecendo-se de que no amanhã ficamos frente a frente com o ontem e o hoje. Esquecimento impossível aos que estudam e se preocupam com as condições de nossas crianças e suas infâncias, tanto no passado quanto no mundo contemporâneo. Nesse sentido, *Para uma compreensão histórica da infância* ajuda-nos a construir um olhar cuidadoso e crítico sobre o sujeito criança e suas experiências e relações com a cultura, em um processo permanente de (re)criação.

Referências bibliográficas

- CERTEAU, M. D. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEL PRIORE, M. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

FARIA FILHO, L. M. (Org.) *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações* (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREITAS, M. C. *História social da infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MONARCHA, C. (Org.). *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas: Autores Associados, 2001.

RIZZINI, Irene & RIZZINI, Irma. *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.